

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

Jornal da Bahia

Class.:

371

Data:

19.07.85

Pg.:

**Líder indígena quer  
remarcação de terras**

Os líderes de cinco tribos indígenas da Bahia — Kaimbé, Kirii, Pankararê Pataxó e Pataxó Há-Há-Hãe — estão em Salvador onde pretendem conseguir uma solução concreta para os problemas de demarcação de terra, assistência médica e estruturação da delegacia da Funai na Bahia e Sergipe, criada há seis meses, mas sem qualquer atuação por falta de recursos financeiros.

A delegacia, com sede no bairro da Federação, deveria estar atendendo aos 10 mil índios existentes nos dois Estados — a grande maioria na Bahia onde ficam seis dos sete postos indígenas. No entanto, nem delegado efetivo possui, muito menos pessoal de apoio (datilógrafos, faxineiros, vigia, médicos...), mobiliário, setor de educação.

Nela estão alojados precariamente, cerca de 80 índios que vieram fazer tratamento médico no Hospital das Clínicas — uma assistência demorada, em razão de todos os trâmites burocráticos. Vivem em quartos espalhados pelos dois subsolos do prédio, dormindo em colchonetes (adultos e crianças) e fazem suas necessidades fisiológicas em sanitários que não possuem nem papel higiênico.

O capitão da tribo Pataxó Há-Há-Hãe (Reserva Caramuru-Paraguaçu, em Pau Brasil), Nelson Sacacura desabafou: — Se a Funai não assume suas responsabilidades nós temos que abrir o bico. Mas agora só estamos cobrando as coisas dela. Se a Funai não tem poder diga quem tem que nós vamos procurar.

E Sacacura tem suas razões. Afinal, os Pataxó Há-Há-Hãe sofrem problemas de falta d'água e de atendimento no hospital de Camacá ao qual a Funai deve Cr\$ 20 milhões e onde os índios são precariamente assistidos. Essa é a maior tribo da Bahia, com 2.100 índios e foi ela que enfrentou (e ainda enfrenta) sérios problemas com os grileiros da Fazenda São Lucas.

Perderam o direito de pescar e beber da águas dos rios que cortam a área, mesmo apelando para a Justiça. A solução seria a perfuração de um novo poço artesiano, mas a localização do lençol freático é grande, além da água ser salobra. A professora Maria Hilda reconheceu perante aos índios e a imprensa que a problemática existe, culpando o governo que até hoje não solucionou a falta de recursos financeiros para a delegacia.

**Saracura não esqueceu a bodurna**

Verbas, so de emergência. A Funai não fez dotação orçamentária com repasse mensal regular... "Dão alguma coisa para quebrar o galho". "Vocês estão cobertos de razão e esse protesto é uma força para nós", desabafou Maria Hilda para Saracura, acentuando que o quadro de funcionários da delegacia não foi completo há falta de cadeiras, transporte, rádio para comunicação com os postos.

— A nossa luta tem sido por vocês junto a quem tem poder de decidir, afirmou a professora, denunciando "a corrida de picula" que é feita em Brasília em busca de soluções para a situação. Segundo ela, a Funai alega, em Brasília que o ministério do Interior não repassou os recursos — "essa conversa ouvimos desde março". O certo é que ela já colocou Cr\$ 2 milhões do seu bolso para resolver na delegacia. Ela informou que será enviado um documento ao órgão colocando as condições sub-humanas de trabalho dos funcionários da delegacia.

Na verdade, Maria Hilda só pode dar como resposta concreta aos líderes indígenas, a disposição dela, do delegado substituto Aécio Araújo Magalhães que está um pouco por fora da realidade atual das tribos, e outros funcionários de "brigar junto com os índios para conquistar o seu espaço".